

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP
PORTO - PORTUGAL

TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CURRÍCULO DE BIBLIOTECONOMIA: ANÁLISE E DEBATES

Dayanne da Silva Prudencio, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia /Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, <https://orcid.org/0000-0001-8346-2160>, Brasil, dayanne.prudencio@unirio.br

Carlos Alberto Ferreira, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, <https://orcid.org/0000-0002-7880-4119>, Brasil, carlos.cafe@unirio.br

Thairine Soares Abreu, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, <https://orcid.org/0000-0003-1624-722X>, Brasil, thairineabreu@gmail.com

Geisa Pereira Farias, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, <https://orcid.org/0009-0007-5254-7103>, Brasil, geisa.pereira@edu.unirio.br

Mariana Bernardes Damasceno, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, <https://orcid.org/0009-0000-9691-631X>, Brasil, mariana.bernardes@edu.unirio.br

Exo: Tendências na Formação e Educação em Ciência da Informação (Biblioteconomia, Documentação, Arquivologia e Patrimônio)

1 Introdução

A Biblioteconomia, enquanto campo de conhecimento orientado ao estudo e à otimização de processos e fluxos de informação, desde a sua coleta até o uso, sempre se deparou e reinventou-se diante das transformações oriundas dos avanços da tecnologia eletrônica e digital.

Como evidências dessa adaptação, podemos citar os processos de catalogação mecanizada, automação dos catálogos, uso de *chatbots* em serviço de referência virtual, entre outros. Portanto, o processo de transformação digital, que afeta a vida social, o lazer e as relações sociais, entre outras, não passou despercebido no campo do trabalho e da produção de conhecimento da Biblioteconomia.

Nesse endereçamento, o estudo de Morigi e Pavan (2023) nos apresenta importantes reflexões sobre como os usos das tecnologias de informação e comunicação têm provocado

mudanças nas práticas profissionais dos bibliotecários e, de alguma forma, alteram as relações destes com os usuários.

O desenvolvimento e o uso das chamadas tecnologias digitais demandam competências técnicas e informacionais ampliadas e, se por um lado, podem impactar a empregabilidade dos bibliotecários; por outro, permite alcance e capilaridade de suas práticas. Inclusive, resignificando a identidade e a compreensão social do papel do bibliotecário na sociedade (Zaremba, 2015).

Assim, sob esta perspectiva e reconhecendo que o cenário atual é caracterizado pela ubiquidade da informação digital, a reflexão e integração de tecnologias digitais no ensino da Biblioteconomia não são apenas desejáveis, mas fundamentais.

Desta forma, a pesquisa em tela tem como objetivo geral identificar, caracterizar e analisar a presença de disciplinas sobre tecnologias digitais nos currículos dos cursos

de graduação em Biblioteconomia, na modalidade presencial e a distância no Brasil. Como objetivos específicos, anunciamos: descrever se esses componentes são obrigatórios ou optativos; examinar a carga horária média desses componentes; verificar se temas emergentes, como inteligência artificial, são abordados.

Buscamos, com este estudo, promover reflexões sobre a atualização e integração desses currículos aos processos de transformação digital e necessidades do mercado de trabalho no contexto da chamada sociedade da informação.

2 Referencial Teórico

Segundo Arthur (2009), tecnologia não se resume a dispositivos isolados, mas é o resultado da interação de ideias e práticas que evoluem ao longo do tempo. Em outras palavras, pode ser entendida como um sistema dinâmico de conhecimentos, métodos e práticas que possibilitam a criação e aplicação de soluções para problemas reais, promovendo mudanças significativas nas estruturas sociais e econômicas. Portanto, artefatos, dispositivos, infraestruturas, sistemas e outros que compõem um processo contínuo de inovação e adaptação.

Para Chesbrough (2003), a tecnologia é um processo integrado que combina conhecimento, criatividade e aplicação, sendo potencialmente importante para a inovação, a colaboração e a criação de novos produtos e serviços.

Cotidianamente, não rara é a associação do conceito de tecnologia com algo eletrônico ou digital. Ainda, há que recordar os escritos do filósofo e sociólogo francês Pierre Lévy que, a partir da ideia de Tecnologias da Inteligência, apresenta as dimensões da oralidade, escrita e informática. Assim, há representações de tecnologias em cada uma dessas dimensões. Em outras palavras, antes mesmo do avanço da tecnologia informática ou Tecnologias Digitais, o campo da Biblioteconomia já lidava com representações de tecnologia, como os catálogos, fichas, entre outros.

Contudo, cabe demarcar que neste estudo, endereçamos nossas análises e reflexões sobre a tecnologia informática ou digital, sendo adotado o segundo termo.

Neste contexto, desde a criação da ARPANET, precursora da internet, observa-se um incremento na concepção e utilização de tecnologias digitais. Ou seja, aquelas caracterizadas pela convergência entre *hardware*, *software*, redes e algoritmos que convertem dados, permitindo a criação, processamento, armazenamento e transmissão de dados e informações em formato digital.

Lévy (1993) explica que a cultura da informática trouxe uma nova forma de assimilação de conhecimento e um novo caminho para a produção intelectual e prática. De acordo com Holborn (2019), as bibliotecas sempre acompanharam a evolução da informação e de seus suportes, o que naturalmente levou à utilização de tecnologias de armazenamento, acesso e difusão, incluindo as digitais e eletrônicas.

De maneira mais específica, Soares (2025) apresenta que foi no final da década de 60 que as bibliotecas brasileiras iniciaram seus processos de automação e passaram a utilizar-se de tecnologias digitais, como o sistema padrão MARC, desenvolvido para facilitar a troca e o armazenamento de registros bibliográficos em formato eletrônico.

Segundo Dumer & Albuquerque (2020), este revolucionou a maneira como as bibliotecas gerenciam seus acervos, permitindo que a representação descritiva fosse, pela primeira vez, legível por computador.

Para Seaall (1988 *apud* Soares, 2025), ainda durante a década de 70, a maioria das bibliotecas possuía pelo menos um microcomputador, e muitas começaram a experimentar a criação de catálogos automatizados e serviços técnicos apoiados pelo uso de tecnologias digitais.

Com o advento do MARC e da internet, foi possível criar o Catálogo Online de Acesso Público (Sousa & Fujita, 2012). Um avanço na difusão dos catálogos e coleções (Soares, 2025).

Já no final da década de 80, vive-se a proliferação de debates acerca dos sistemas integrados de biblioteca, e, em 1996, é lançado o Sistema Integrado de Bibliotecas Pergamum, que existe até hoje, sendo um dos mais utilizados no país (Viana, 2016 *apud* Soares, 2025). Atualmente, há uma grande variedade de *softwares* para automação de bibliotecas comerciais, livres e gratuitos.

No contexto internacional, especialmente na América do Norte, Bera (2019 *apud* Mattos, 2025) aponta que, a partir dos anos 1980, as bibliotecas começaram a adaptar seus serviços tradicionais, como o de referência, para o ambiente digital, utilizando ferramentas como catálogos online, *frequently asked* e serviços colaborativos. Esses desenvolvimentos e usos refletem a influência das tecnologias digitais na prestação de serviços, presenciais e remotos, aos usuários.

Dumer & Albuquerque (2020) conta-nos que, nos 20 anos seguintes, observou-se uma ênfase em iniciativas visando à simplificação da representação e do tratamento da informação no ambiente digital; como exemplo, cita o padrão Dublin Core e BIBFRAME (Bibliographic Framework Initiative).

A partir de 2010, observa-se a ascensão dos *chatbots*, sistemas de indexação automática, RFID e, mais recentemente, das tecnologias de IA, como o aprendizado de máquina e PLN (Silva & Correa, 2020).

Esse breve panorama histórico reforça que as tecnologias digitais se configuram como o que Bourdieu (1989) chama de estruturas estruturantes do campo.

Nesta perspectiva, os bibliotecários e as escolas de Biblioteconomia são constantemente desafiados a rever seus processos formativos, tanto formais quanto informais, de modo a refletir o avanço da tecnologia, incluindo a digital, nos processos de acesso, busca, tratamento, organização, recuperação, difusão e uso da informação.

Tal reflexão é especialmente importante no cenário brasileiro, que, desde 1911, desenvolve atividades de ensino de Biblioteconomia, mesclando bases humanistas e enciclopedistas de influência europeia, especialmente francesa, com práticas

tecnicistas de origem norte-americana (Souza, 1990).

De tal modo, o ensino praticado pode ser explicado à luz de três grandes fases. A primeira trata-se do currículo mínimo de 1962, estabelecido pelo Conselho Federal de Educação por meio da Resolução de 16/11/62. À época, esse projeto formativo estabeleceu as bases fundamentais para a formação de bibliotecários no Brasil, buscando assim um equilíbrio entre disciplinas técnicas e culturais. Este previa disciplinas como História do Livro e das Bibliotecas, História da Literatura, História da Arte, Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, Organização e Administração de Bibliotecas, Catalogação e Classificação, Documentação e Paleografia (Santos, 1998).

Já em 1982, através do Parecer do Conselho Federal de Educação nº 9460/82 lança-se o chamado currículo pleno. Este figurou como espécie de resposta aos anseios das escolas de Biblioteconomia, que, desde 1977, coordenadas pela Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), apresentavam duras críticas e evidenciavam a necessidade de reformulação do currículo mínimo proposto em 1962 (Muller & Macedo, 1983).

De maneira simplificada, podemos explicar que esta proposta dividiu os currículos em dois blocos: de um lado, as disciplinas de caráter não profissional, isto é, de conteúdos generalistas, como Língua Portuguesa e outros; do outro lado, as disciplinas de cunho profissional, isto é, que apresentam conteúdos fundamentais ao desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e competências de aplicação biblioteconômica. São exemplos, bibliografia, catalogação, classificação, entre outros. (Muller & Macedo, 1983).

Há de se fixar que, no currículo pleno, já começam aparecer disciplinas com aportes de tecnologia digital; a título de exemplo, cita-se Reprografia e Recuperação da Informação.

E, por fim, a terceira e última fase é representada pela fixação das chamadas Diretrizes Curriculares Nacionais (Prudencio & Rodrigues, 2015).

As diretrizes da Biblioteconomia são fruto de diversas discussões ocorridas no Brasil e em países do Mercosul, em fóruns liderados principalmente pela ABEBD. De tal modo, se materializaram no Parecer nº 492/2001, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (Prudencio, 2015). Estas diretrizes são:

[...] uma referência para as IES definirem seus currículos plenos, em termos de conteúdos básicos e conteúdos profissionais essenciais para o desenvolvimento de competências e habilidades requeridas para os egressos da área/curso. A presença de conteúdos essenciais garante uma uniformidade básica para os cursos oferecidos (Prudencio & Rodrigues, 2015, pp. 3).

Desta forma, desde 2001, tais diretrizes regulam o ensino de Biblioteconomia no Brasil e operam como uma espécie de guia para a elaboração dos Projetos Pedagógicos de Curso, que necessariamente precisam indicar o perfil dos formandos, as competências e habilidades (gerais e específicas) desejáveis, os conteúdos curriculares praticados, a presença e operação de estágios supervisionados e atividades complementares, a estrutura do curso e mecanismos de avaliação institucional.

Segundo Prudencio (2015), as Diretrizes Curriculares estabelecidas para os cursos de Biblioteconomia, enfatizam a proficiência, a criatividade, a busca de aprimoramento contínuo e a capacidade de observar padrões éticos de conduta como características fundamentais para o perfil do bibliotecário.

Aqui, precisamos fazer uma pausa e explicar ao leitor como ocorre a organização dos cursos superiores. Assim, informa-se que, no Brasil, esse arranjo é regulado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996. Dessa forma, no seu art. 44, o ato normativo disciplina que a educação superior abrangerá os seguintes cursos e programas:

II - de graduação - aberto a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou

equivalente e tenham sido classificados em processo seletivo.

III - de pós-graduação, compreendendo programas de *lato sensu* e *stricto sensu*.

IV - de extensão.

A graduação, por sua vez, é subdividida em:

Bacharelado: formação generalista ou específica em uma área do conhecimento.

Licenciatura: formação voltada à docência na educação básica.

Tecnológico: Cursos de menor duração, com foco prático e profissionalizante (Prudencio, Hubner, Romeiro, 2025, p.3).

Estes cursos podem ser realizados presencialmente, ou seja, nas dependências de universidades, faculdades e centros universitários, ou na modalidade a distância, ou seja, por mediação tecnológica, permitindo que estudantes e professores estejam em locais e horários diferentes. Essa modalidade favorece a flexibilidade de acesso aos conteúdos e amplia o alcance da educação.

Assim, no Brasil, a formação em Biblioteconomia é praticada majoritariamente em cursos de bacharelado, havendo apenas um curso de licenciatura, desenvolvido no âmbito da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Em ambos os tipos de curso, o tempo médio previsto para a integralização é de quatro anos.

A partir desse arrazoado e direcionando nossas lentes ao ensino universitário, questionamos se, por meio de processos de reformas curriculares, as escolas de Biblioteconomia têm instrumentalizado os aprendizes para uma ação eficiente e eficaz no campo informacional mediado por tecnologias digitais.

Na era digital, o papel dos bibliotecários passou e continua passando por processos de transformação. Por um lado, descortinam-se possibilidades de ganhos de eficiência, desenvolvimento de novos produtos e serviços, e escalabilidade na prestação de serviços. Por outro lado, desafios como preservação digital, falta de literacia digital,

acesso desigual, concentração de riqueza, privacidade e segurança da informação impõem uma nova agenda.

Sob tal perspectiva, a pesquisa em tela assume que, à medida que novas tecnologias digitais surgem e antigas evoluem, cabe aos bibliotecários e às escolas formadoras se adaptarem e promoverem o desenvolvimento de competências e habilidades para uma atuação capaz de oferecer suporte ao acesso à informação e serviços digitais, melhorar a experiência dos usuários em ambientes web, gerenciar projetos de sistemas de gestão de bibliotecas, definir requisitos para o desenvolvimento de bases de dados, os repositórios e bibliotecas digitais; planejar e gerenciar plataformas de *e-books*, liderar projetos de digitalização de catálogos e coleções, planejar e usar *chatbots* e assistentes virtuais, liderar projetos de preservação digital, difusão de conhecimento, gestão do conhecimento, entre outros.

Portanto, parece-nos que há na contemporaneidade uma relação indissociável entre tecnologias digitais e Biblioteconomia. Assim, verificamos como o ensino tem sido articulado na dimensão curricular.

3 Procedimentos Metodológicos

Trata-se de pesquisa básica, descritiva-exploratória, quanto ao seu objetivo, e, do ponto de vista da análise dos dados e demonstração dos resultados, com abordagem qualitativa.

A técnica de pesquisa documental foi adotada para coleta dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) e, quando disponível, de documentos correlatos, como planos de curso, ensino e ementários.

Em etapa posterior, o conjunto de dados de pesquisa correlacionados aos cursos, isto é, nome da universidade, estado, região do Brasil, tipo de curso (bacharelado ou licenciatura), modalidade (presencial ou Ead); ano do PPC, tem disciplina sobre tecnologia (sim ou não), nome da disciplina, carga horária da disciplina, tipo de disciplina (obrigatória, eletiva, optativa) e outros dados relevantes foram tabulados em planilha eletrônica no

software Excel e então, utilizando categorias mistas (Laville & Dione, 1999).

Os dados acerca do nome, endereço e modalidade dos cursos foram extraídos da base de dados e-MEC, vinculada ao Ministério da Educação do Brasil, e foram atualizados em janeiro de 2025.

Prosseguindo, usamos os dados de pesquisa de Nascimento (2023) e, com isso, tivemos acesso a um repositório digital com as últimas versões dos PPCs. Dessa forma, nosso *corpus* de análise compreendeu 13 cursos na modalidade a distância e 36 cursos presenciais. Totalizando 50 documentos.

Então, aplicamos a técnica de análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), e examinamos as seguintes unidades: ano do PPC; se há disciplina sobre tecnologia digital; nome da disciplina; se a disciplina é obrigatória ou optativa; e carga horária.

Para fazer tal análise, procedemos com uma extração de conceitos, análise de fluxograma, ementa e plano do curso/ensino (quando disponível) no site da escola de vinculação ou a partir dos documentos já disponíveis no repositório do estudo de Nascimento (2023).

Em todas as análises, foi cumprida uma leitura dinâmica, acrescida de uma análise aprofundada.

É importante ressaltar que nossa análise sempre se concentrou na dimensão das tecnologias digitais, ou seja, na área de concentração da pesquisa.

4 Resultados Parciais ou Finais

Conforme já mencionado, analisamos 50 PPCS e observamos a seguinte distribuição quanto à modalidade de ensino.

Quadro 1: Quanto a divisão por modalidade de ensino

| Presencial | A distância |
|------------|-------------|
| 37 | 13 |

Fonte: Elaboração própria (2025).

Quando analisamos a localização tanto dos cursos presenciais quanto na modalidade a distância, notamos que há universidades ofertantes em todas as regiões do

Brasil. Ainda, observa-se uma concentração no Sudeste e Nordeste.

No que se refere ao ano da última edição do PPC, temos:

Quadro 2: Quanto ao ano do PPC

| Universidade | Ano do PCC mais recente | Ano do PCC mais antigo |
|--|-------------------------|------------------------|
| Fundação Universidade do Maranhão - UFMA | | 2007 |
| Universidade Federal do Ceará | 2023 | |

Fonte: Elaboração própria (2025).

Três cursos presenciais têm PPCs anteriores a 2010, a saber: Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal da Paraíba, cujos documentos datam de 2008. Já o curso presencial de Licenciatura em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) data de 2009.

Tal cenário evidencia a desatualização desses projetos. Desta forma, nosso estudo manifesta preocupação ao entender que tal descompasso temporal pode representar um desafio significativo para a atualização das diretrizes formativas e ementas dos cursos em relação à tecnologia digital. Afinal, é sabido que, na última década, ocorreram evoluções tecnológicas importantes, e essa lacuna pode levar a uma redução no alcance do desenvolvimento de competências necessárias para lidar com as ferramentas digitais, como sistemas de curadoria de conteúdo online, uso de sistemas de recomendação e inteligência artificial.

Ao todo, foram identificadas 272 disciplinas relacionadas a tecnologias digitais, abrangendo produtos, serviços, ferramentas, infraestruturas e dispositivos. 178 são ofertadas como obrigatórias, 92 são aplicadas como optativas e duas são eletivas.

Aqui é importante estabelecer a diferença entre disciplina obrigatória, optativa e eletiva. A primeira refere-se àquelas que garantem a formação técnica e teórica necessária para a atuação na área. Portanto, integra a estrutura

curricular básica. Ademais, é requisito que o discente o cumpra com êxito; caso contrário, não alcança sua titulação de nível superior.

As disciplinas optativas são aquelas que incorporam a proposta de flexibilidade curricular prevista na LDB (1996). Isto é, são disciplinas que o aprendiz pode escolher cursar, dentro de um conjunto específico de componentes curriculares oferecido pela instituição de ensino. De tal modo, o número de disciplinas optativas a serem cursadas pode variar de acordo com a instituição e o curso. Normalmente, essa seleção leva em consideração conhecimentos prévios adquiridos, interesses acadêmicos e profissionais, e, portanto, permite a exploração de áreas e ênfases de interesse além das obrigatórias.

Por fim, temos as disciplinas eletivas, que, em alguma medida, permitem que o educando personalize sua formação de acordo com interesses específicos ou complementares à sua área de estudo. Tais disciplinas, comumente, estão fora do rol de disciplinas optativas. Esses componentes podem ser de outros cursos da mesma instituição ou até mesmo de outras instituições, dependendo das regras de cada curso e universidade.

No que tange às eletivas, identificamos uma sobre Biblioteca Virtual e outra sobre Arquitetura da Informação e Usabilidade, ambas de 40 horas do curso de bacharelado EaD da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ).

A carga horária dos cursos está distribuída em 28, 30, 40, 60, 90 e 120 horas, conforme a seguinte distribuição.

Quadro 3: Disciplinas por carga horária

| Carga horária | Número de disciplinas identificadas, incluindo nomes duplicados |
|---------------|---|
| 28 | 3 |
| 30 | 47 |
| 36 | 5 |
| 40 | 7 |
| 45 | 24 |
| 46 | 4 |
| 54 | 13 |
| 57 | 2 |
| 60 | 119 |
| 61 | 1 |
| 64 | 19 |

| | |
|-----|----|
| 68 | 5 |
| 72 | 3 |
| 75 | 1 |
| 80 | 11 |
| 90 | 6 |
| 120 | 2 |

Fonte: Elaboração própria (2025).

Portanto, observa-se que a maioria das disciplinas voltadas às tecnologias digitais apresenta carga horária de 60 horas, o que sugere um padrão adotado pelas instituições para tratar de temas considerados técnicos e específicos. Essa uniformidade pode indicar uma tentativa de equilibrar a oferta de conteúdos práticos e teóricos, garantindo espaço suficiente para introdução e aplicação de ferramentas tecnológicas no contexto da Biblioteconomia. No entanto, considerando a crescente complexidade e a constante evolução das tecnologias digitais, essa carga horária pode ser insuficiente para um aprofundamento mais robusto, especialmente em temas como inteligência artificial, ciência de dados e curadoria digital. Dessa forma, levantamos a hipótese de que a limitação de tempo reflete tanto restrições institucionais quanto uma percepção ainda emergente da centralidade dessas competências na formação do bibliotecário contemporâneo. Contudo, este não é um debate que aprofundaremos aqui, pois não faz parte do escopo da comunicação que ora apresentamos.

Ainda em relação à carga horária, identificamos que a disciplina com menor carga horária é Arquitetura da Informação, em regime de disciplina obrigatória no curso de bacharelado presencial da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas), com 28 horas.

Já as duas disciplinas com maior carga horária, ou seja, 120 horas, são as que exibidas no quadro 4:

Quadro 4: Disciplinas com maior carga horária

| Curso | Nome da disciplina | Tipo de disciplina (obrigatória, eletiva, optativa) |
|-------|--------------------|---|
|-------|--------------------|---|

| | | |
|--|--|-------------|
| Universidade de São Paulo - USP (Ribeirão Preto) | Inteligência Competitiva com Enfoque Empreendedor I | Obrigatória |
| Universidade de São Paulo - USP (Ribeirão Preto) | Inteligência Competitiva com Enfoque Empreendedor II | Obrigatória |

Fonte: Elaboração própria (2025).

Cabe considerações sobre tal componente curricular, uma vez que, na visão desta autoria, trata-se de abordagem inovadora no ensino. A disciplina apresenta ao educando um leque de técnicas, práticas e métodos de Inteligência Competitiva (IC) em instituições públicas e privadas, além de abordar tecnologias e ferramentas tecnológicas que podem auxiliar esse processo, especialmente no monitoramento informacional (Garcia, 2011). Embora, do ponto de vista teórico, não se apresente como uma disciplina, o curso de bacharelado EaD da UNIASSELVI dispõe de um componente curricular denominado Estágio II - Foco nas tecnologias, cuja carga horária é de 120 horas.

Espera-se que o educando desenvolva suas atividades em *e-commerce* e atividades correlatas, como gestão de metadados e taxonomias para organizar produtos em categorias, além de aplicar descritores para melhorar a encontrabilidade nos sistemas de busca das lojas virtuais. Indexação e descrição de produtos, aplicando técnicas biblioteconômicas para elaboração de descrições otimizadas para SEO, sistemas internos, entre outros.

Após analisarmos os ementários dessas disciplinas e, quando disponível, o plano de disciplina, chegamos ao número de 24 eixos aglutinadores, a saber: Tecnologia da informação e comunicação aplicada à Biblioteconomia e Ciência da Informação; Recuperação da informação; Arquitetura e design de informação; Automação aplicada à Biblioteconomia; Modelagem de bancos de dados; Repositórios digitais; Sistema de informação; Softwares; Consultoria e empreendedorismo em serviços de informação com foco tecnológico; Bibliotecas digitais. Fundamentos de informática; Gestão

de conteúdo na/para web; informação em ambientes digitais; Serviço de informação em rede; Tópicos especiais de tecnologia em Biblioteconomia; Programação; *Data Science*; Análise e modelagem de processos; Design da informação e da interação; Redes e sistemas de informação; Representação do conhecimento em ambientes digitais; Biblioteca virtual; Redes de Computadores; Tecnologias de Informação Livres.

Cumpra informar que essa seleção é o recorte realizado por esta autoria. Naturalmente, muitos outros poderiam ser feitos.

Esses eixos unem disciplinas que, embora com títulos variados, representam, em sua gênese, conteúdos programáticos semelhantes e contribuem para o desenvolvimento de um mesmo e específico conjunto de conhecimentos e competências. Vejamos a síntese no quadro 5.

Quadro 5: Ocorrência de disciplinas com diferentes nomes por eixo

| Eixo | Número de disciplinas identificadas, incluindo nomes duplicados |
|---|---|
| Tecnologia da informação e comunicação aplicada à Biblioteconomia e Ciência da Informação | 52 |
| Recuperação da informação | 3 |
| Arquitetura e design de informação | 15 |
| Automação aplicada à Biblioteconomia | 29 |
| Planejamento, Modelagem e uso e bancos de dados | 29 |
| Repositórios digitais | 5 |
| Sistema de informação | 6 |
| Softwares | 3 |
| Consultoria e empreendedorismo em serviços de informação com foco tecnológico | 4 |
| Bibliotecas digitais | 23 |
| Fundamentos de informática; | 14 |
| Gestão de conteúdo na/para web | 5 |
| Informação em ambientes digitais | 13 |

| | |
|---|----|
| Serviço de informação em rede | 13 |
| Tópicos especiais de tecnologia em Biblioteconomia | 3 |
| Fontes de Informação Tecnológica | 1 |
| Programação | 4 |
| Data Science | 2 |
| Análise e modelagem de processos | 2 |
| Design da informação e da interação | 2 |
| Redes e sistemas de informação | 17 |
| Representação do conhecimento em ambientes digitais | 6 |
| Biblioteca virtual | 2 |
| Redes de Computadores | 10 |
| Tecnologias de Informação Livres | 10 |

Fonte: Elaboração própria (2025).

Dessa forma, os cinco eixos com mais disciplinas são:

Quadro 6: Cinco maiores eixos

| Universidade | Número de disciplinas |
|---|-----------------------|
| Tecnologia da informação e comunicação aplicada à Biblioteconomia e Ciência da Informação | 52 |
| Automação aplicada à Biblioteconomia | 29 |
| Planejamento, Modelagem e uso e bancos de dados | 29 |
| Bibliotecas digitais | 23 |
| Redes e sistemas de informação | 17 |

Fonte: Elaboração própria (2025).

Ao analisarmos tais eixos e as disciplinas incluídas, percebemos uma concentração de ordem metodológica. Isto é, há ênfase em artefatos, processos, técnicas e métodos relacionados à aplicação dos saberes e fazeres biblioteconômicos, a partir de uma instrumentalização da tecnologia digital.

Destarte, os três primeiros eixos têm correlação com a história da transformação digital no campo, fortemente influenciados pelos processos de inclusão de dispositivos

apoiados em TIC e mediada pelo processo de automação das bibliotecas.

Por outro lado, há temáticas pouco abordadas, como os eixos apresentados no quadro 7.

Quadro 7: Cinco menores eixos

| Universidade | Número de disciplinas |
|-------------------------------------|-----------------------|
| Fontes de Informação Tecnológica | 1 |
| Biblioteca virtual | 2 |
| Data Science | 2 |
| Design da informação e da interação | 2 |
| Softwares | 3 |

Fonte: Elaboração própria (2025).

Especialmente, causou-nos surpresa a pouca representação de disciplinas relacionadas a *Data Science*, pois é possível vislumbrar uma associação entre o Movimento da Ciência Aberta e Cidadã, que tem encontrado terreno fértil nas pesquisas do campo no Brasil, e sua operacionalização por tecnologias, ferramentas e infraestruturas digitais.

Como exemplo, citamos soluções, infraestruturas e dispositivos digitais de coleta, registro e recuperação de dados; ferramentas de (geo)visualização, repositórios, bases de dados e o uso de inteligência artificial.

Na mesma perspectiva, a pouca discussão sobre *softwares*, especialmente os de código aberto (*open source*), na previsão curricular dos cursos de Biblioteconomia, causou-nos estranheza. Nessa linha, argumentamos que tal debate nos parece fundamental, pois mobiliza conhecimentos, como soluções para gestão de bibliotecas, por exemplo, Biblivre, Koha, entre outros, permitindo ao bibliotecário realizar com autonomia a automação de acervos, empréstimos, catalogação e atendimento remoto ao usuário. Há também aportes na área de comunicação científica, exemplificados pelos softwares VOSviewer, Atlas.ti e outros que viabilizam a análise e visualização de redes de coautoria e coocorrência de termos, apoiando estudos métricos e mapeamentos do conhecimento – práticas cada vez mais presentes na pesquisa em Ciência da Informação. Portanto, fundamentais a posição do bibliotecário como cientista ou ainda de

assessoria em pesquisa à sua comunidade usuária é fundamental.

Ainda sob esta ênfase, citamos o *software Open Journal Systems (OJS)*, solução majoritariamente utilizada na editoração e gestão de periódicos científicos brasileiros. Nesta dimensão, o bibliotecário pode atuar colaborando na editoração, normalização e gestão de publicações acadêmicas.

Estes são alguns temas que podem ser abordados no escopo de disciplinas cujo foco seja ferramentas e softwares. Fazemos tal defesa porque acreditamos que a familiaridade com essas tecnologias fortalece a inserção do bibliotecário em equipes multidisciplinares, além de promover práticas alinhadas com a transformação digital, interoperabilidade de sistemas e a democratização da informação. Assim, incorporar esses conhecimentos ao currículo contribui para uma formação mais conectada às demandas reais do campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, ampliando a capacidade de intervenção crítica e inovação dos futuros profissionais.

Avançando, com o objetivo de identificar um panorama mais preciso do número de disciplinas por eixo, excluímos, em seguida, as disciplinas com nomes repetidos, resultando na concentração apresentada no quadro 8.

Quadro 8: Disciplinas por eixo após eliminação de nomes duplicados

| Eixo | Número de disciplinas com nomes diferentes | Exemplo de disciplinas do eixo |
|---|--|---|
| Tecnologia da informação e comunicação aplicada à Biblioteconomia e Ciência da Informação | 34 | Introdução as Tecnologias da Informação e Comunicação; Gestão de TI em Unidades de Informação; Recursos; Tecnológicos Aplicados à Biblioteconomia |
| Recuperação da informação | 3 | Recuperação da informação na web aplicada à pesquisa; Recuperação da Informação Digital; |

| | | |
|---|----|---|
| | | Internet; Gerência de Sistemas de Informação |
| Softwares | 3 | Análise de softwares aplicáveis a unid. e serviços de informação; Softwares Colaborativos; Software Livre e Informatização de Bibliotecas |
| Consultoria e empreendedoris mo em serviços de informação com foco tecnológico | 4 | Consultoria e Empreendedoris mo em Serviços de Informação; Empreendedoris mo e Gestão de Projetos em Serviços de Informação; Inteligência Competitiva com Enfoque Empreendedor I e II |
| Bibliotecas digitais | 10 | Bibliotecas Digitais I; Desenvolviment o de Bibliotecas; Bibliotecas Digitais II |
| Fundamentos de informática; | 10 | Informática Documentária; Documentação e Informática; Introdução à informática; Introdução à informática |
| Gestão de conteúdo na/para web | 5 | Métricas da Informação na Web; Gestão de conteúdo na Web; Projeto e Implementação de Cenários Web; Informação na Web; Configuração de ambiente Web para unidades de Informação |
| Informação em ambientes digitais | 4 | Protótipos em Saúde Digital; |

| | | |
|--|---|---|
| | | Informação em Mídias Digitais |
| Serviço de informação em rede | 4 | Tecnologias em Serviços de Informação I; Tecnologias em Serviços de Informação II; Serviço de Informação em Rede; Análise de sistemas aplicada a serviços de informação |
| Tópicos especiais de tecnologia em Biblioteconomia | 3 | Tópicos Especiais em TI I; Tópicos Especiais em TI II; Tópicos Modernos de Biblioteconomia e Ciência da Informação |
| Fontes de Informação Tecnológica | 1 | Fontes de Informação Tecnológica |
| Programação | 2 | Introdução a ciência da computação; Introdução a programação |
| Data Science | 2 | Data Science; Mineração de Texto |
| Análise e modelagem de processos | 1 | Análise e modelagem de processos |
| Design da informação e da interação | 2 | Design da Informação e da Interação; Interação e Experiência do Usuário (UX)" |
| Redes e sistemas de informação | 5 | Redes de informação e transferência de dados; Informação e a Análise em Redes; Ambientes, Serviços e Sistemas Informacionais (Inclui Redes e sistemas de informação) |
| Representação do conhecimento | 6 | Ontologias em sistemas digitais; Linked Data; |

| | | |
|----------------------------------|---|--|
| em ambientes digitais | | Representação do Conhecimento em Ambientes Digitais; Ontologias em sistemas digitais |
| Biblioteca virtual | 1 | Biblioteca virtual |
| Redes de Computadores | 1 | Redes de Computadores |
| Tecnologias de Informação Livres | 1 | Tecnologias de Informação Livres |

Fonte: Elaboração própria (2025)

Sob este *lôcus*, nossa pesquisa considera essas múltiplas denominações como um problema terminológico da formação curricular do campo. Por outro lado, acreditamos que seja uma tentativa dos cursos de atender às diferentes abordagens e atualizações tecnológicas. Ainda assim, é verdade que essa sobreposição dificulta a construção de um currículo coeso e integrado, inclusive no aspecto regional e nacional.

Retomando a análise macro dos PPCs, destaca-se o projeto pedagógico compartilhado dos cursos de Bacharelado em Biblioteconomia na modalidade à distância (BibEaD) das seguintes instituições de ensino superior público (IES): Universidade Federal de Rio Grande (FURG), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal da Bahia (UFBA), UFF, Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Estas IES integram o projeto BibEaD, uma iniciativa do Sistema Universidade Aberta do Brasil, e que é resultado da parceria entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação e o Conselho Federal de Biblioteconomia (Prudencio *et al.*, 2024).

Assim sendo, as 11 universidades citadas possuem em seu PPC a presença do

eixo Tecnologias de Informação e de Comunicação, significando uma proposta curricular moderna e que permite ao educando transitar entre o tradicional e novo. Portanto, os discentes têm a oportunidade de refletir e vivenciar aspectos inovadores relacionados a uma atuação apoiada em Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) (Prudencio *et al.*, 2024).

Pode-se mencionar como evidência do citado aspecto inovador a relação das disciplinas obrigatórias e específicas (nove disciplinas, totalizando 405 horas) dedicadas ao estudo e prática das TICs no campo biblioteconômico. Vejamos:

- Introdução à Tecnologia de Informação e de Comunicação - 60 horas;
- Introdução à Educação a Distância - 30 horas;
- Editoração Eletrônica - 60 horas;
- Tecnologias de Informação Livre - 30 horas;
- Informatização de Ambientes de Informação - 45 horas;
- Redes de Computadores - 45 horas;
- Serviços de Informação em Rede - 45 horas;
- Planejamento e Elaboração de Bases de Dados - 30 horas;
- Bibliotecas digitais - 60 horas.

Dessa forma, verificamos que esses educandos têm tido a oportunidade de empregar conceitos, modelos, métodos, instrumentos e recursos de tecnologia da informação e de comunicação para o desenvolvimento, a implantação e a avaliação de recursos tecnológicos. Como exemplos, citamos o desenvolvimento de repositórios digitais, bases de dados, bibliotecas eletrônicas e digitais, publicações eletrônicas e digitais, OPAC etc.

Ademais, a própria natureza da modalidade permite que esses educandos sejam envolvidos na experimentação de tecnologias digitais de ensino e, por efeito, desenvolvam certas literacias digitais.

A partir dessa perspectiva de literacia, destacamos que, desde o final de 2022, quando a empresa norte-americana OpenAI lançou o chamado ChatGPT 3.5, o tema da Inteligência Artificial (IA) tem sido notícia diária nos meios de comunicação, eventos científicos e produções do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Desta forma, averiguamos se algum PPCs anunciou o tem, quer seja como disciplina, quer seja como conteúdo programático. Nesta linha, identificamos que há dois cursos, a saber:

Quadro 9: Disciplinas que anunciam tratar do tema IA

| Universidade | Curso | Nome da disciplina |
|---|------------------------|--|
| Universidade de São Paulo - USP (São Paulo) | Bacharelado Presencial | Inteligência Artificial no Tratamento da Informação Registrada |
| Universidade Federal do Ceará – campos Cariri | Bacharelado Presencial | Tecnologias da Informação I |

Fonte: Elaboração própria (2025).

No curso dos Campos do Cariri, a abordagem centra-se nos fundamentos, com citações ao experimento de Alan Turing, apresentação dos conceitos de redes neurais, virtuais e materiais. Já no curso da USP, observa-se uma mescla de fundamentos e aplicações. Neste texto, objetiva-se introduzir conceitos básicos e aplicações da IA, bem como suas aplicações no processo de organização e representação do conhecimento. Ademais, ferramentas como ChatGPT são tratadas.

Assim sendo, nosso estudo destaca a inovação curricular proposta pela USP e sugere que ela pode servir de modelo para que outros cursos também a adotem. Inclusive, porque desde 2020 a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) tem debatido como os desenvolvimentos de aplicações em IA podem impactar as práticas cotidianas e a missão social mais ampla das bibliotecas. Portanto, os cursos de formação não podem se isentar de participar desse debate e prática.

Ainda sobre Inteligência Digital, destaca-se a importância da literacia em IA. Yi (2021 *apud* Touças, 2024, p.1) compreende que esta literacia:

não se restringe ao domínio técnico, inclui também a capacidade de interagir de forma informada e ética com sistemas de IA, refletindo sobre as suas limitações e implicações sociais. A Literacia em IA pode ser uma ferramenta para a promoção de uma cidadania crítica e responsável na era da IA.

Consequentemente, a literacia em IA não significa, obrigatoriamente, a necessidade de desenvolver habilidades de programação e/ou criar soluções e tecnologias baseadas em IA. Tem sido mais associada à capacidade de compreender, utilizar, monitorar e refletir criticamente sobre as aplicações de IA (Long & Magerko, 2021).

De tal modo, defendemos que este é um caro e necessário, que deve figurar de maneira transversal no currículo das escolas de Biblioteconomia brasileiras.

Outra consideração que trazemos é o apagamento do anúncio de disciplinas dedicadas ao tema das tecnologias assistidas. Ou seja, não foi identificado nenhum componente curricular, em caráter obrigatório, eletivo ou optativo, sobre a matéria. Consideramos que essa ausência pode comprometer a preparação dos futuros bibliotecários para responder às demandas de inclusão e atender às necessidades informacionais das pessoas com deficiência. É necessário que o egresso seja apresentado, minimamente, a recursos, produtos, metodologias e estratégias que promovam a funcionalidade de recursos informacionais. São exemplos: softwares como leitores de tela (NVDA, JAWS), ampliação de tela, sistemas de reconhecimento de voz, teclados adaptados, sinalização tátil e plataformas acessíveis.

Ademais, cumpre informar que este endereçamento de acessibilidade, incluindo a informacional, tem previsão normativa vide Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com

Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

A partir deste arrazoado de análises, apresentamos nossas considerações finais e problematizamos os resultados, que podem abrir novas vias de pesquisa e análise.

5 Considerações Parciais ou Finais

Este estudo identificou, caracterizou e analisou a presença de disciplinas sobre tecnologias digitais nos currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia, na modalidade presencial quanto na a distância no Brasil. Portanto, atingiu seu objetivo geral.

Ao longo da seção quatro, pudemos apresentar os 24 eixos aglutinadores de disciplina nos programas formadores brasileiros e perceber que a maioria das disciplinas possui uma abordagem geral, fundamentada em aspectos teóricos e metodológicos das TIC. Não tratando, por exemplo, de ferramentas específicas, o que não necessariamente é um problema.

Ainda assim, temas como experiência do usuário e data science que são interdisciplinares e talvez tenham o potencial de contribuir para a empregabilidade desses bacharéis em Biblioteconomia, têm recebido, ao menos nos currículos, pouca atenção.

Temas emergentes, como inteligência artificial, ainda são pouco debatidos, e sugerimos sua ampliação.

A partir das observações da nomenclatura, ementário e plano de curso/disciplina, quando disponíveis, apresentamos que a abordagem sobre tecnologias digitais no currículo de Biblioteconomia pode articular-se nas seguintes abordagens:

1 - Gestão de acervos digitais

Refere-se ao planejamento, desenvolvimento e manutenção de coleções digitais, com atenção à preservação digital, acesso aberto, direitos autorais, políticas de *backup* e migração de formatos.

2 - Gestão de metadados e taxonomias

Envolve o conhecimento e aplicação de padrões de descrição e organização da informação (como Dublin Core, MARC, SKOS), fundamentais para garantir interoperabilidade e recuperação eficaz de dados em ambientes digitais e sistemas integrados.

3 - Curadoria de conteúdo digital

Refere-se ao processo de seleção, organização, preservação e atualização de conteúdos digitais, considerando critérios de relevância, confiabilidade e contexto informacional.

4 - Indexação e descrição de produtos digitais

Abrange técnicas e metodologias para representar o conteúdo de documentos digitais, promovendo a encontrabilidade por meio de vocabulários controlados, análise de assuntos e linguagens documentárias.

5 - Análise de dados

Capacita o bibliotecário a extrair, interpretar e visualizar dados, contribuindo para a tomada de decisões, avaliação do uso de acervos, comportamento informacional e eficiência dos serviços.

6 - Elaboração de políticas de informação

Compreende a criação de diretrizes institucionais para governança da informação, privacidade, acesso, preservação e ética no uso e compartilhamento de dados, fundamentadas em princípios democráticos e inclusivos.

7- Usabilidade e arquitetura da informação

Trata-se de um *design* centrado no usuário, com foco na organização lógica, navegação intuitiva e acessibilidade em sites, repositórios e sistemas informacionais, otimizando a experiência do usuário.

8 - Literacia em inteligência artificial

Propõe a compreensão crítica e aplicada de conceitos, ferramentas e impactos da IA na sociedade e nas bibliotecas, capacitando profissionais para uso ético e estratégico de tecnologias como machine learning e chatbots.

9 - Desenvolvimento de infraestruturas e ecossistemas informacionais

Relaciona-se à criação e integração de ambientes digitais colaborativos, como bibliotecas digitais, virtuais, repositórios, redes de dados e plataformas interoperáveis, que sustentam a produção, gestão e compartilhamento do conhecimento.

10 - Tecnologias assistivas e computacionais

Foca em recursos e dispositivos que promovem acessibilidade digital para pessoas com deficiência, bem como no uso de ferramentas computacionais no tratamento, mediação e disseminação da informação.

11 - Softwares de pesquisa

Abrange o domínio de ferramentas digitais que apoiam atividades de pesquisa científica, como gerenciadores de referências (Zotero, Mendeley), softwares de análise bibliométrica (VOSviewer) e de organização de dados qualitativos (NVivo, ATLAS.ti).

12 - Automação e transformação digital

Explora o uso de sistemas integrados de gestão de bibliotecas (SIGB), *workflows* digitais e ferramentas de automação para modernizar processos técnicos e serviços de informação.

13 - Data Science

Envolve o uso de técnicas computacionais, estatísticas e linguagens de programação (como Python e R) para análise e interpretação de grandes volumes de dados, com aplicações em estudos de usuários, bibliometria e tomada de decisão em serviços informacionais.

Assim, sugere-se que cada uma dessas dimensões seja explorada em novas análises, correlacionando os aportes da formação aplicada e as práticas desenvolvidas no mundo do trabalho.

Por fim, a pesquisa reforça importância do aporte de disciplinas sobre tecnologias digitais na formação do bibliotecário brasileiro e sustenta que tal ancoragem tem potencial para aperfeiçoar a mediação da informação, reconfigurar os serviços prestados pelos

bibliotecários e promover serviços informacionais mais inovadores.

6 Referências

Arthur, W. B. (2009). *The nature of technology: What it is and how it evolves*. Free Press.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Brasil. (1996, 20 de dezembro). Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

Brasil. (2015, 8 de junho). Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm

Chesbrough, H. (2003). *Open innovation: The new imperative for creating and profiting from technology*. Harvard Business School Press.

Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. (2001). Parecer CNE/CES nº 492/2001, de 3 de abril de 2001. Ministério da Educação do Brasil. <https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>

Dumer, L., Albuquerque, M. E. B. C. de. (2020). *Marc 21 e outros formatos de intercâmbio bibliográfico*. Editora UFPB.

GARCIA, L. G. (2011). Inteligência competitiva com enfoque empreendedor: ensino e pesquisa na graduação em Ciência da Informação. *Incid: revista de ciência da informação e documentação*; 2 n. 2(2).

Holborn, G. (2019). The emergence of professional law librarianship and the professional law librarian: The history of BIAL in context. *Legal Information Management*, 19(2), 80-87. <https://www.cambridge.org/core/journals/legal-information-management/article/abs/emergence-of-professional-law-librarianship-and-the-professional-law-librarian-the-history-of-bial-in->

[context/6BDF942B3C5679877E7D88A9198E D19](https://doi.org/10.1017/S0022216X19000198)

International Federation of Library Associations and Institutions. (2020, setembro 17). IFLA statement on libraries and artificial intelligence. <https://repository.ifla.org/handle/123456789/1646>

Laville, C., Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. UFMG.

Lévy, P. (1993). *As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. Editora 34.

Long, D., Blunt, T., & Magerko, B. (2021). Co-designing AI literacy exhibits for informal learning spaces. *Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction*, 5(CSCW2). <https://doi.org/10.1145/3476034>

Mattos, J.M. M. *Inteligência artificial no serviço de referência de bibliotecas universitárias: colóquios e aplicações (2025)*. Dissertação (mestrado) -Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social.

Morigi, V. J., & Pavan, C. (2005). Entre o "tradicional" e o "virtual": o uso das tecnologias de informação e comunicação e as mudanças nas bibliotecas universitárias. *Revista ACB*, 8(1), 54-69. <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/391>

MUELLER, S. P. M., & MACEDO, V. A. A. (1983). Proposta de um novo currículo pleno para o curso de biblioteconomia da universidade de Brasília. *Revista de biblioteconomia de Brasília*; 11(2). <https://cip.brapci.inf.br/download/77457>

Nascimento, R. P. do. (2023). *O ensino de bibliometria e cientometria no Brasil: Uma análise na graduação em biblioteconomia (Dissertação de mestrado)*. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social.

Prudencio, D. S. Diretrizes curriculares nacionais e a construção de propostas curriculares inovadoras: um estudo de cotejamento dos

- projetos políticos pedagógicos da UNIRIO e UFMG (2015). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social.
- Prudencio, D. S., & Rodrigues, M. E. F. (2015). Diretrizes curriculares nacionais e a construção de propostas curriculares inovadoras: um estudo de cotejamento dos projetos pedagógicos de curso (PPC). Encontro nacional de pesquisa e pós-graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, Brasil. <https://brapci.inf.br/v/187936>
- Prudencio, D. da S., Silva, S. P., Bento, M. S. N., Britto, T. A. F. (2024). Bibeado Unirio: Compartilhando informações e experiências do processo de reconhecimento de curso. In. O curso nacional de Biblioteconomia na modalidade a distância – UAB/CAPES: Concepção, trajetória e desafios. p. 169-204.
- Prudencio, D. S., Hubner, M. L. F., Romeiro, N. L. Licenciatura em Biblioteconomia: apresentação e tendências do único curso brasileiro (2025). XI EDICIC Ibérico, Porto, Portugal.
- Santos, J. P. (1998). Reflexões sobre currículo e legislação na área da biblioteconomia. Encontros bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação; 3(6).<https://cip.brapci.inf.br//download/39093>.
- Silva, S. R. de B., Correa, R. F. (2020). Sistemas de indexação automática por atribuição: Uma análise comparativa. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, 25, 1-15. R <https://cip.brapci.inf.br//download/142221>
- Soares, T. A. (2025). Aplicação de inteligência artificial em bibliotecas jurídicas: Desafios e oportunidades (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro).
- Sousa, B. P. de, Fujita, M. S. L. (2012). Do catálogo impresso ao on-line: Algumas considerações e desafios para o bibliotecário. Revista ACB, 17, 59-75. <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/822>
- Touças, H. R. G. M. L. Literacia em inteligência artificial na educação de adultos (2024). Dissertação (Mestrado em educação e tecnologias digitais – EaD) – Universidade de Lisboa. https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10400.5/100390/1/ulfpie058650_tm.pdf
- Zaremba, J. Biblioteconomia: Tecnologias digitais ampliam campos de atuação. Jornal Extra, 11 de setembro de 2015. <https://extra.globo.com/noticias/educacao/profissoes-de-sucesso/biblioteconomia-tecnologias-digitais-ampliam-campos-de-atuacao-17464659.html>